

# A SITUAÇÃO.

ANNO II.

CUIABÁ, DOMINGO 5 DE SETEMBRO DE 1869.

NUMERO 49

Editor—Joaquim da Costa Teixeira.

## NOTICIARIO

Jury. — Prevenimos ao Sr. Juiz de Direito interino Dr. Antonio Alonzo de Faria que o Jury d'esta capital não funciona desde Maio de 1867.

CORRESPONDENCIA. — Deixamos hoje de dar a luz a uma correspondencia de Villa Maria, datada de 15 do mez passado, por depender de mais algumas informações que exigimos.

CARESTIA DE MANTIMENTO. — Continuam nos mesmos preços os generos alimenticios, que publicamos no nosso numero 47, a saber. —

Feijão—a	32\$000 réis ao alqueiro
Arroz—a	32\$000 réis
Farinha—a	32\$000 réis
Milho—a	45\$000 réis
Assucar—a	20\$000 réis arroba
Café—a	25\$000 réis
Toucinho—a	25\$000 réis
Sal—a	2\$000 réis a medida

## LITTERATURA

### ALBUM DE SATAN

( OS MALDITOS )

#### 1 CAIM

Creator, sê maldito !

Meus cabellos gottejavam as orvalhadas dos chãos.

Meu pensamento pairava incerto nas profundezas do nada, como o corvo que se refugia nas sombras.

Meu berço era a cesta de esmeraldas que a palmeira traz em seu cimo; — quando eu dormia, meu somno era interrompido pelas gargalhadas frias da inveja.

Eu odiei teu nome: — Satan prometteu-me seu imperio.

Para que me-creaste, Senhor ! Como a ave que foge amedrontada quando ronca o luracão eu sahi das folhas da infancia. A ave perdeu-se na noite; a escuridade circum-

dou-lhe os olhos; e ao passar por um despenhadeiró, fechando a palpebra, cahiu e rolou !

Minh'alma presa a idéa do infinito como a prece aos labios de Abel, procurava banhar-se na tua luz, mas as tempestades da dúvida passaram ao estrugir das ventanias desenvoltas, o cyrio apagou-se e ella perdeu-se nas trevas.

Oh ! para que me creaste, Senhor ? !  
Desde aquelle dia terrivel em que o sangue de meu irmão tingiu-me as faces, um abutre persegue-me.

Quando eu vago sem destino como as gaiotas sobre os mares, e fito o rio que galopa como para ensinar-me a velocidade dos passos, a voz que elle traz aos meus ouvidos casa-se aos pios desse abutre sinistro.

E quando eu sigo como a folha que o vento leva, e as suas azas caçam de desforçar os ares, elle pousa em meu hombro. Encostando as pennas de seu collo á minhas faces que ardem, eu sinto que ellas têm fogo, e que esse fogo me-queima.

Abel, Abel, por que minha mãe não te afogou no nascedouro ?

O Creator mandava que á n anjo recebesse as hostias de seus sacrificios — os meus eram repudiados, como o fructo pelas correntes.

A ociosidade teve recompensas; o trabalho sarças e urzes !

Satan, Satan, leva-me por esses mundos ! eu quero ver a morada dos phantasmas, quero ver essas prisões d'onde os cometas surgem para errarem nos espaços, quero ver os palacios lugubres da morte, quero ver onde a lua accende seus brilhos, onde o sol se orna de seus esplendores, onde as estrellas vestem os lumes tremulos para scintilarem nas noites.

Satan, Satan, dá-me teu poder ! Sê maldita, minha mãe; sê maldito, meu pae, sê mil vezes maldito, Creator ! ! . . .

A vila trouxe a morte, a sciencia trouxe o crime, o crime o peccado.

Oh ! por que havias de collocar no paraizo aquella arvore cujos fructos deram o somno da eternidade ? ! . . .

Dorme, dorme, meu filho; se um sonho de immortalidade inquietar-te o peito que respira tranquillo como as oscillações de um lago, amaldiçoa aquelle que te-deu o ser.

Oh ! pobre filho ! a iniquidade peza sobre tua cabeça; és cúmplice do que não commetteste.

Oh ! maldição sobre aquelle que pune o crime de um pai, que descrê, na descendencia de um filho que espera !

Longe, longe de mim, abutre assustador ! as tuas azas entornam em meu espirito cinzas tão abundantes e negras que me-sufocam.

Satan, arrebatame. Eu quero ver os limbos, quero trilhar uma esteira de luz, quero apagar as iniquidades de meu pai, quero sorrir ás agonias de minha mãe, nas ancias de morte cruel !

Olho da consciencia: ave sinistra que velas á minha cabeceira como a estrella da tarde por cima da corôa das montanhas; remorso que tomaste uma forma para perseguir-me incessantemente, vò ao Creator . . . accusa-o de que é injusto, pune ao Deus terrivel o vingador que prescreve para castigar, que crê para destruir !

Satan, dá-me as tuas azas, voemos juntos ! oh ! eu tremo ! aquelles espectros são lividos e vaporosos ! n'aquellas fronteas sombrias ha uma luz amarelenta que esclarece-lhes os labios descorados . . . elles sorriem, os seus sorrisos são mais algidos do que as espumas dos quatro rios do Eden !

As estrellas choram lagrimas de fogo, a lua sacode sobre mim um suor de gelo, esse suor chega-me ás faces, traspassa-me os ossos e gotteja-me no coração.

Eu tenho medo, Satan ! o ranger dos dentes electriza-me de susto . . .

Satan, minha alma se-evapora !

Aquellas espadas dos archanjes que guardam as portas do paraizo, reflectem lá de baixo tanta luz, que me-destumbra os olhos ! as suas vestes são tão pallidas, que me-amedrontam. Satan, o ar fulta me debaixo dos pés ! teu sorriso é horrivel ! Satan, eu me-desponho, Satan, Satan !

*Estrabido.*

A mulher.

A mulher é a poeira da criação, é o espelho da fé, é a luz da esperança, é o monumento esplendente da divindade suprema. Não ha nada mais tocante, mais bello, mais venerando do que a fronte meiga da mulher virtuosa. Se ha perfeição na terra, se ventura ha nella; busquem-na no olhar terço da mulher, que se ama.

A alma feminina respira a clemencia dos anjos; a bondade do justo, a resignação do martyr. O amor abre-lhe os encantos, estimula-lhe os effectos, incita-lhe o heroismo, exalta-a até o fanatismo. A mulher é um sacrificio de virtude, de nobreza, de lealdade, de coragem e de arrojô!

II

Mas chamão a mulher fraca!

Por que?

O homem como amante implora um sorriso, seduz com promessas, sirvula uma paixão ardente; roja-se, humilha-se, é complacente e delicado; chega a ser servil depois de esposo vent a indiferença, a frieza, a incivilidade, a ingratiçáo, e até a crueldade.

O esposo, em geral, é um despota sombrio, um tyranno repugnante. O homem eleva a mulher ao infinito da esperança, para depois deixal-a cahir no abysmo do scepticismo.

A queda é mortal. Ahaltão-se as creanças do coração frabito, mas a divindade, o pudor, a dedicacáo da mulher, tudo fica firme, porque é inabalavel. Onde está aqui a força? Na mulher que sofre, ou no homem, que opprime? A força prova-se no infortúnio. A mulher é mais forte.

III

Mas querem a mulher heroica? Pois bem! Compulsem a historia de todos os povos, e de todas as épocas.

Não vêm Judith invadir o acampamento do terrível Holoophernes, penetrar na sua tenda, e resgatar a Bethulia, matando o tyranno? Que fizeram os guerreiros de então? Admirarão o heroismo da mulher, e emmudecerão diante de tão sublime valor.

Catharina de Valois pôz-se á frente de seu exercito, e affrontou com denodo a metralha de Ruão. A duqueza de Montpensier, cavalgando pelas ruas de Paris offerece batalha ás tropas de Henrique IV, e defende, á ponta de espada, a causa dos Guizes. Estas mulheres serão fracas?

Joanna d'Arc, a pastora de doze e nove annos, toma o atilange de Carlos Martel; e nunca um rei franco obrou prodigios assim.

A nacionalidade franceza estava a desfallecer sob o peso das columnas inglezas. Carlos VII, esse rei ingrato, que deshonra a França, queria fuzil, desamparar a patria nesta crise suprema. Tudo estava perdido, humilhado. Só o penico fazia pulsar os coraçoes. Mas apresenta-se Joana d'Arc, á frente do exercito, e os veteranos abatid os

sentem o choque magnetico do enthusiasmo.

Levantão-se como espectros: o ego e a patria agonisante é salva. Joanna d'Arc, com a bandeira nacional em punho, guia esses heróes para as muralhas de Orleans, que estavam no poder do inimigo. E Orleans foi conquistada, os inglezes, batidos e expellidos de quasi toda a França, e Carlos VII foi coroado em Reims por Joanna d'Arc. Nunca guerreiro algum reuniu tanto heroismo e tanta abnegação.

E chamão a mulher fraca. . . . Que irrisão e que absurdo! Querem mil exemplos mais?

Vão á historia.

IV

A mulher é a harpa do crente, é o segredo da poesia, é a miragem de Deos. Só o coração se aadeja em torno das paixões, é para extrahir das flores da alma o que ali ha de puro, de subtil, de ideal, de divino. Mas o homem tenta a virgem candida com o canto envenenado da Sersis. Jurras, promessas, rubeiros, sorrisos, lagrimas, suspiros; o homem não poupa ardis, quando tenta rasgar a alva tunica da vestal. Depois, . . . chamão fragil a pomba por que não presentiu o milhaire!

Os grandes philosophos e os espiritos fortes gritão: a mulher é fraca.

Fraca porque?

Appellidão de fraqueza o que apenas é innocencia; chamão força ao que somente é cruzeza e vicio. Dizem bem. A mulher é fraca, porque a candura, o é; o homem é forte, porque o crime o é.

V

A mulher se chora despresos, suspira esperança.

Se os affectos a deleitão, a virtude a seduz. Docil na opulencia, é ainda docil no infortunio. A sua voz é sempre meiga, terna, doce e maviosa. Tudo que é nobre a atrahê: tudo que é justo a subjuga. Marcha sempre á lina d'alma e nos transportes sublimes do seu sentimento generoso, a mulher chega a perdoar a quem lhe roubou os perfumes mysticos das flores de laranja, a quem lhe envenenou seus caros anhelos puros, seus caros enleios. Que excesso de abnegação!

O homem não perdoo a virtude, quando esta reage contra elle; a mulher chega a perdoar ao criminoso, que lhe deu o infortunio! Quem é mais forte? É a garrã do leão ou o sorriso de leos?

A mulher se não fosse o homem, seria sempre um anjo; o homem, se não fosse a mulher, seria sempre um demonio.

(Estrab.)

Os Tres e a Historia

Continuação do numero antecedente.

« Em vão tentarás ainda o poder, embuçado como outrora; a experiencia nacional rasgar-te ha o manto enganador, e apontar-te ha as gerações

como o reprobô do passado.

« Volve-te misero; eu lanço sobre tua cabeça a maldicáo eterna.

« Pallido como o lyrio abatido pelo tufão, desce o Progressismo a encosta da collina.

O segundo vulto se aproxima.

« Quem és, tu? o anjo lhe pergunta.

— Tão mudado já estás, não me conheces?

— Eu sou do povo o filho idolatrado. Forte é o meu braço, fraca e misera é a minha cabeça, o anjo terrível!

« Este que aqui vés, vergado sob o péo da desgraça, é o Partido Liberal.

E o anjo assim fallou:

« O teu nome não passa de um programma insidioso. Ciangindo a coroa do martyrio nos dias luctuosos da adversidade, ostentas a mansidão do cordeiro do Senhor; envergando a purpura do poder, tens a nobre altivez do leão e a sanha feroz do tigre.

« Partido da liberdade, tu deveras te chamar partido da liberdade liberticida.

« O povo que te idolatra nas regiões nebulosas da theoria, geme e chora sob o teu dominio despoítico.

« Tu és como o agrão das lagôas, que esconde sob a folha ayeludada a venenosa cicuta!

« Tenho-te estudado através dos seculos e das gerações que passam. Por toda a parte e em todos os tempos suffocas com a mão ferrea do arbitrio a deosa a quem consagravas cultos nos dias austeros de provança.

« Em Athenas foste Pisistrato captando hoje as sympathias do povo, e fulminando no dia seguinte esse mesmo povo que o adora a subir os degrãos do throno!

« Lançaste no abysmo das disseções, e aniquilaste para sempre esse torrão abençoado do velho mundo, em que Dante e Tasso viram a luz, e em que Raphael e Miguel Angelo deixaram na teta e no marmore os poemassublimes de sua gloria.

« O teu nome está escripto em caracteres de sangue na guilhotina de 89.

« Clamas pelas reformas por amor da humanidade, que caminha, e peler tem vezes peor, que o março estacionario, a quem accusas, revives no poder os passados tempos do despotismo.

— Partido da liberdade, tu deveras te chamar partido liberticida!

— Assim profario o anjo ao juiz.

— Muda e abasbeixo desce o martyr o declive da collina.

« O terceiro vulto se aproxima com passo firme e resolute, e encara o anjo com esse olhar sereno, que revela a consciencia do justo.

— « Quem és tu?

— O PARTIDO CONSERVADOR, responde o vulto.

« A tua apologia está em teu verdadeiro nome de baptismo, diz-lhe a Historia.

« Tu és o partido constitucional.

« Nas lutas e dissonças dos povos symbolisas a ordem.

« Tu és a liberdade subordinada à razão, és a

reflexão e o estudo caminhando de mãos dadas nas reformas que beneficiam a humanidade.

« Em ti encarnou-se a grandiosa civilização dos Ptolomeus.

« Tu és os séculos immorredouras de Pericles, de Augusto e de Luiz XIV.

« Como a columna de fogo que illuminou o outro a estrada dos filhos do Senhor, tu indicas a este povo o caminho da felicidade, por entre as névens negras da borrasca.

« Tu és o apóstolo das gerações futuras, porque és a verdadeira liberdade.

« Acatando o principio da autoridade nos dias do martyrio, impões a obediencia e o respeito aos poderes constituidos quando te sentas nos conselhos da corôa.

« Ossecutarios da tua sã doutrina são os primeiros vultos deste povo, sobre cuja cabeça parece pesa nestes últimos tempos a mão ferrea da mais negra fatalidade.

« Elles não de receber as bênçoes da patria, o em verdade te digo que tu serás o apóstolo do futuro. »

Assim profetio o atijo o seu juizo, e desapareceo da collina deixando no espaço a esteira luminosa de sua passagem.

Já a estrella matutina empallidecia no horizonte e a hora do crepusculo soava com todo o seu corajo de encantos.

Z

POESIA

Que queres, **Marilia**, se achamma que esparges ao pobre **Cazuza** também fascinou? se a tua magia—se a luz de teus olhos—tambem o seu estro de novo inspirou?

Embora o ciume no peito abafado, por entre seus carmes às vezes translusa, quem—surdo—não ouve, quem—cego— não vê de amor as endeiças na voz de **Cazuza**?

Quem pôde, **Marilia**, de amar-te esquivar-se, deixar o teu culto com indifferença? quem ha de, orgulhoso, descreer tuas graças sem ver-se humilhado na sua presença?

Quem ha de, sereno, mirar-te o perfil sem todo nas chammãs de amor se incendar? quem ha de, impassivel, teus cantos ouvir sem que de desejos se sinta perder?

**Cazuza**, **Marilia**, tambem como eu, te ama, te adora, te rende oração: que—forte—o venceste, soberbo—o prendeste às doces cadeias do teu coração.

**Marquinha**, dize, dize onde achaste esses grilhões com que atroz nos escravizaste nossos virgens corações?

Como foi que á teu sabor captivaste nesses peitos,

á ventura esquivos sempre á desgraça sempre affekos?

Porque nas flores que esmaltão os prados a mil e mil, vemos o viço e frescor de teu semblante gentil?

Porque nos olhos que girão na sidraa vestidão, temos a luz de teus olhos nos fallando ao coração?

Porque na pomba que geme na floresta a solugar, cuidamos buytr, **Marilia**, de teu seio o suspirar?

Não sabes? pois eu te digo te que me não adivinhas: é que taes são os feitiços de todas as **Marquinhas**,

que quem uma vez amoda-se e uma vez lhes dou a vida nunca mais deixa de amal-as, nunca mais dellas se olvida.

Seja **Mazepa** ou **Cazuza** seja traco ou seja forte coração de quem te viu, é só teu na vida ou morte.—

1 de Setembro de 1869.  
**Mazepa**.

A PEDIDO.

Sr. Redactor.

Ja muito se tem dito do meo açougue, permitta-me por tanto S. S. que eu tambem por minha vez, vá occupar as columnas de seu jornal se bem que no mesmo assumpto, mas em defesa propria.

Sou a primeira em reconhecer que tenho, as vezes, vendido carne magra e má pouco fora do preço ordinario, o que se tem dado nestes últimos tempos, mas é por que tem havido falta de gado, e é que tem apparecido e que tenho comprado, e tambem caro e magro.

Assim mesmo, convem que saibão, tenho fornecido e forneço ainda carne a alguns Corpos Militares e varios Estabelecimentos publicos a 80 e 95 réis á libra, e a muitos freguezes meos, que posso declarar, vendo-a a 100 réis.

O proprio articulista da *Situação* acaba, em parte, de defender-me no seo numero passado.

Para provar a S. S. que esta profissão a qual em Cuyabá não é tão facil nem tão com-

moda como se suppoem, basta lembrar-lhe que, ha hem pouco tempo, entrando a Camara Municipal em competencia comigo, viu-se obrigada, pela falta de recursos talvez, a abandonar um córte que tinha estabelecido em auxilio da população.

Não é culpa minha nem de ninguem que se propoem a vender este genero, que seja elle, como ja disse, as vezes, de má qualidade. O gado que viaja 18 a 20 leguas chega cansado e desmerecido, precisa, reconheço, refazer-se para ser cortado; mas onde? qual a protecção que temos, nos os marchantes, recebido da Repartição incumbida de fiscalisar este genero? Ainda assim, diariamente mando (e sou a unica que aqui o faz) apasentar, e dar de beber ao gado que córto, e tenho um retiro no lugar denominado—**Barbado**—onde são envernadas as rezes que chegam a ficar, mui magras, até que, refazendo-se, estejam em estado de vir para o córte. O correspondente, que me faz a graça de accusar-me, diz, se bem me lembro, que é ali onde se mata, escondidamente, o gado magro, doente && e que devia ser posto fóra: limito-me unicamente Sr. Redactor, a asseverar-lhe que, quem quer que seja, o tal correspondente é um tevia-no e vai dizendo tudo quanto lhe verra cachola sem estar informado nem ter conhecimento. Poderá elle ou outro qualquer provar o que disse?

O correspondente aventou uma feliz lembrança na carta que publicou ultimamente, de-se-nos a **Larga** e a carne não só será de boa qualidade mas tambem descera de preço, porque com ella tudo se facilita para este negocio.

Não ha direito sem obrigação: a impossiveis não somos obrigados.

Quanto a immundice de que tanto se queixão, direi unicamente que, se por falta de um matadouro publico, eu me vejo obrigada a mandar matar os bois no meo curral, não autoriso com isso a que se fação o despejo dos quarteis e cadeas desta Cidade quasi em frente á minha porta, e que se nas aguas rodão essas immundices, no tempo da secca ahi ficão com a mais nauseante exalação, em dobro mais pestilenta que o sangue de 4 ou 5 rezes, que tanto córto por dia.

Se o publico para quem appello, vier do passeio do alto do Rosario até a minha porta, sempre pelo correjo, estou muitissimo

convencida de que experimentarão sensações bem desagradáveis em todo esse tracto, pois como sabem, e tem sido sempre a praxia o deposito do lixo de quasi metade da população da Cidade.

O meo curral é limpo diariamente, e não temo e até estimarei, que as autoridades o fação visitar continuamente.

Estas anomalias, Sr. Redactor, são consequencias do nosso pouco recurso, proprias da falta absoluta dos meios que a população reclama para não infringir tão sabias posturas que regulão o acção da Cidade.

Qual o lugar destinado para o despejo publico? Quantas e quantas travessas não anoi-tecem limpas e amarelecem sujas?

E tudo isto porque? No-entretanto não sei porque não fado só a mim cabe a assignação de tão amargas contas.

Publicando, Sr. Redactor, estas linhas muito obrigará a sua constante leitora.

Cuyabá, 30 de Agosto de 1869.

Maria Augusta de Azeredo.

## EDITAES

Aproximando-se o dia 7 de Setembro de festa Nacional, por ser o faustissimo anniversario da Independencia do Imperio, de ordem de S. Ex. o Sr. General-Presidente da Provincia convido a todos os Senhores Chefes de Repartições, Empregados Publicos, e mais cidadãos a assistirem n'esse dia ao *Te Deum* que se hade celebrar na Igreja Cathedral desta Capital, e logo depois ao cortejo ás Augustas Effigies de Suas Magestades Imperiaes, que terá lugar no Palacio da Presidencia ás horas do costume.

Secretaria do Governo de Mato Grosso em Cuiabá 2 de Setembro de 1869.

Joaquim Feliciano de Almeida Louzada.

A Camara Municipal d'esta Capital, faz publico que sendo no dia sete do corrente o Anniversario da Proclamação da Independencia do Imperio, hade ter lugar n'esta Capital todas as demonstrações de jubilo como sempre se praticou, e para que estas sejam com mais solemnidade, convida a mesma Camara a todos os habitantes para illuminarem as frentes de suas cazas na noite d'esse mesmo dia. E para que chegue a noticia de todos, se lavrou o presentê.

Secretaria da Camara Municipal de Cuiabá 3 de Setembro de 1869. Eu José de Paula Correa Secretario que o escrivi.

O Presidente

Henrique José Vieira.

## ANNUNCIOS

O Padre Virgilio Franco da Silva segindo brevemente para a Republica do Paraguay, onde o dever militar o chama, e como não lhe fora possível despedir-se pessoalmente de todos os seus amigos e collegas, pelo orgão da imprensa vem satisfazer o seu dever, pedindo ao mesmo tempo desculpa, attendendo o pouco tempo que lhe restava a fim de tratar de seus negocios.

Cuiabá 4 de Setembro de 1869.

O abaixo assignado Alferes de Commissão do Batalhão 49 de Infantaria, retirando se para Villa Maria, de onde tem de voltar para seguir para o Exercito, não pode deixar de agradecer ao Illm. Sr. Tenente Coronel Luiz Benedicto Pereira Leite digno Comandante do 6.º Batalhão de Guardas Nacionaes, as maneiras delicadas e attentiozas com que o trata pelo que ficou penhorado, tributando ao mesmo Sr. eterna gratidão.

Não podendo despedir-se pessoalmente de todos Sr. officiaes do supradito Batalhão o faz por meio desta agradecendo tambem os favores que lhe prodigalisará o.

Cuyabá 11 de Agosto de 1869.

Domingos Ribeiro de Lara.

Constando a Augusto Carstens e Henrique Marcos Rieth, que o Sr. Capitão Benedicto José da Silva França, pretende dar ou ja deu para a Santa casa da Misericordia, a quantia de Réis 2,500.000 que o mesmo Sear. se supõe credor d'aquelles, os mesmos vem pela imprensa, declarar que não se julgando devedores do Sear. Capm. França do quantia alguma, protestão contra o seu procedimento case seja verdadeira semelhante noticia.

Cuiabá 1 de Setembro de 1869.

Vende-se uma casa na rua de Esperança n. 4 quem quizer dirija-se a rua dos Passos n. 24.

Do abaixo assignado fugiu, em dias de Maio do corrente anno, um escravo de nome Manoel João, crioulo, filho da Bahia, de idade de 30 annos, baixo, de corpo fino tem falta de dentes; usa de bigodes e uma barbinha no queixo inferior; o canhoto, tem os dedos dos pés muito pequenos; dançador de cururu.

Sabe trabalhar com tropa, carro e serviço de roca; quem o prender e entregar a esta cidade ao Sr. Tenente Coronel João de Sousa Neves, e na minha casa no Rio da Casca, será gratificado com duzentos mil réis, assim como protesta o mesmo abaixo assignado com todo rigor da lei contra quem tiver o mesmo escravo acoutado.

Cuiabá 29 de Agosto de 1869.

Antonio Bruno Borges.

### 32—RUA DIREITA—32

Grande, novo e variadissimo sortimento recentemente chegado de fazendas de todas as qualidades e objectos de moda do mais apurado gosto e elegancia para Senr. roupa feita da ultima moda; chapéos sortidos para homens, Senr., meninas e moças; perfumarias finas e diversidade de objectos de armarinho; lavrados, relógios; etc.; setins para homens e Senr., calçados de todas as qualidades; pregos, fechaduras, dobradiças e outros muitos artigos de ferragens: vende-se por preços muito commodos na loja de Antonio Thomaz de Aquino Corrêa Junior a rua em cima.

Vende-se oito Pequenas propriedades de casas em ruina, dependendo de paredes, e muito proprias para alugar, sitas na travessa da Lagôa, districto de Pedro 2., por preço commodo: quem quizer dirija-se a rua do Campo n. 18. Tambem se vende uma ou duas, a contento do comprador.

Affina-se, e podem-se cordas empiannos. Trata-se na rua do Sr. dos Passos canto da travessa da Assembléa, casa n. 8.

Na rua da Sé casa n. 43, vende-se goaraná arrebadado ou a miúdo por preços commodos.